

## Fernando Pessoa e a operação ambígua da escritura

Sueli Lindalva Fonseca de Vilhena

Pessoa é um encontro de correntes, de idéias, que a sua imaginação criadora, mais em intensidade que em extensão, e tendência narcisista transfiguram e as tornam expressão em prosa ou em verso[...]

### Introdução

A existência humana caracteriza-se pela dialeticidade mantida com o universo. O homem é linguagem. Tornar-se ser é tornar-se linguagem. As próprias coisas manifestam seu enigma como uma linguagem. A literatura, arte verbal, produz a união do imaginário com a razão. O homem e suas produções culturais se dão enquanto máscaras, cuja face verdadeira é máscara também. O artista cria, construindo um universo organizado que assume novas definições através da máscara (persona) da arte, emergência da linguagem que dissimula sua razão de ser.

A máscara é o dionísico que luta contra o apolíneo. Para Nietzsche, Dionísios manifesta-se através de uma pluralidade de figuras, sob a máscara de um herói que luta e se aprisiona.

Atrás de cada máscara, o verdadeiro rosto, a sensação mágica da palavra para o escritor dimensionando a realidade de cada dia. O rosto oculto da realidade. Seus amuletos, seu encanto.

Não cabe apenas à literatura e às artes conservar o caráter do sonhador, mas até a própria ciência tem de possuir as características do apaixonado, do criador. Não há ciência física sem imaginação, sem paixão, sem interpretação.

Ciência é interpretação, por isso os gregos chamavam à verdade alethera isto é, descobrir, desvelar.

Para descobrir a realidade é preciso afastar-se dos fatos e ficar a sós com a nossa mente. Imaginação e objetividade, sensibilidade e dados teóricos para elevar-nos à plenitude. Imaginação e objetividade, sensibilidade e dados teóricos para elevar-nos à plenitude da significação.

No jogo da significação, a palavra é uma máscara que encobre a falta de sentido, refletido na ausência de uma História ou um tempo essencial.

O jogo da linguagem é o da busca de sentido, não encontrado no objeto, mas armado na própria linguagem que o constrói. A arte literária passa a ser o espaço privilegiado da doação de sentido através do interrelacionamento de todos os elementos do texto.

### **Literatura e Filosofia: vertentes conceptuais do mundo**

Eu era um poeta impulsionado pela filosofia, não um filósofo dotado de faculdades poéticas. Adorava admirar a beleza das coisas, descortinar no imperceptível, através do que é diminuto, a alma poética do universo.

A questão Literatura e Filosofia vêm sendo discutidas ao longo dos anos.

Ernest Robert Curtins coloca em evidência a confusão reinante entre essas duas palavras desde o fim da Antigüidade. A palavra filosofia bastante polissêmica, apresta-se a isto. Afirma que desde Platão até Plotino e Agostinho achamo-nos a braços com uma pesquisa terminológica.

Aproxima poesia e filosofia e traz o pensamento de Sêneca (carta 8). Quantos poetas dizem coisas, que os filósofos também disseram ou poderiam dizer.

Dante era glorificado como sumo poeta e filósofo e já nos pré-socráticos poesia e filosofia vinham congeminadas.

Farias Brito evidencia que, ao invés de a literatura servir-se da filosofia é esta quem se serve da arte. Mostra que filosofia é uma espécie de arte superior.

A filosofia é poesia e o filósofo, em verdade, é um poeta que errou sua vocação. As construções filosóficas são então poemas em que é sempre a imaginação que representa o papel decisivo. É a significação da fórmula de Lange: A metafísica pertence ao domínio da ficção; ou a fórmula de Renan: 'à filosofia é a poesia do ideal' e acrescenta: Há talvez aí um certo fundo de verdade; mas isto unicamente no sentido de que a filosofia serve-se da arte como seu instrumento; o que entretanto, não quer dizer que se confunda com ela.

Nietzsche no texto A Gaia Ciência diz que a filosofia mora em altas montanhas, tendo como única companhia o Monte vizinho, onde reside o poeta.

### **Kierkegaard e Pessoa**

Kierkegaard e Pessoa, cada um a sua maneira, são dois heróis culturais para quem a questão da máscara e do rosto foi a única questão.

Kierkegaard foi o poeta do religioso e Pessoa o poeta do religioso-outro.

Ambos representam duas expressões insuperáveis da dialética viva do rosto e da máscara, do Absoluto e do Eu.

Há uma singular semelhança entre o complicado jogo de pseudônimo em Kierkegaard e ao mesmo tempo ao complicado labiríntico espelhismo dos heterônimos de Fernando Pessoa.

Em *Diário de um Sedutor*, Kierkegaard diz: Como explicar então que o diário tenha tomado uma feição de tal modo poética? A resposta não apresenta dificuldades, resultando de possuir ele, na sua pessoa, uma natureza poética que não era, se o quiserem, nem suficientemente rica nem suficientemente pobre para distinguir entre poesia e realidade.

Por detrás do mundo em que vivemos, muito lá atrás, em último plano, existe um outro mundo; a sua relação recíproca assemelha-se à que existe entre as duas cenas que acontecem no teatro uma por detrás da outra. Através de uma leve cortina, distinguimos como que um mundo de gaze, mais leve, mais etéreo, de uma outra qualidade que a do mundo real.

Fernando Pessoa, no Livro de *Desassossego*, nos diz: Quanto mais avançamos na vida, mais nos convencemos de duas verdades que, todavia se contradizem. A primeira é de que, perante a realidade da vida, soam pálidas todas as ficções da literatura e da arte. Dão, é certo, um prazer mais nobre que os da vida; porém, são como os sonhos, em que sentimos sentimentos que na vida se não sentem, e se conjugam formas que na vida se não encontram; são, contudo sonhos, de que se acorda, que não constituem memórias nem saudades, com que vivamos uma segunda vida (PESSOA, 1999, p. 231).

A segunda é de que, sendo desejo de toda a alma nobre o percorrer a vida por inteiro, ter experiência de todas as coisas, de todos os lugares e de todos os sentimentos vividos, e sendo isso impossível, a vida só subjectivamente pode ser vivida na sua substância total.

Sou a ponte de passagem entre o que não tenho e o que não quero (PESSOA, 1999, p. 231).

A filosofia de Kierkegaard é, na sua complexidade, uma apologética religiosa e precisamente a tentativa para basear a validade da religião na estrutura humana como tal. Trata-se, todavia de uma apologética bastante distante da racionalização da vida religiosa que tinha sido feita por Hegel e que, depois, se havia tornado o principal objetivo da direita hegeliana. A religião não é, pra Kierkegaard, uma visão racional do mundo, nem a transcrição emotiva ou fantasia de tal visão; é apenas a via de salvação, o único modo de o homem se furtar à angústia, ao desespero e ao fracasso, mediante à instauração de uma relação imediata com Deus.

Em *Terror e Tremor* na Kierkegaard nos diz: O sermão do pastor é já em si assaz ridículo, mas é o infinitamente mais pelo seu efeito, todavia, ta natural. O zeloso sacerdote comove o auditório do alto do púlpito, porque possui um irresistível poder na cura das almas. Há um velho provérbio que diz: Nem tudo sucede na vida de acordo com o sermão do pastor. (KIERKEGAARD, p. 266).

Outro exemplo na: Não consigo compreender Abraão; em certo sentido tudo quanto aprender dele deixa-me estupefato. Ilude-se aquele que imagina chegar à fé considerando a sua história até o fim. O nosso tempo não se detém na fé nem no milagre que converte a água em vinho vai mais longe, pois que converte o vinho em água (KIERKEGAARD, p. 271).

Fernando pessoa no livro do Desassossego: Bate-me então, sempre que assim sinto, a velha frase de não sei que escolástico: Deus est anima brutorum, Deus é a alma dos brutos. Assim entendeu o autor da frase, que é maravilhosa, explicar a certeza com que o instinto guia os animais inferiores, em que se não divisa inteligência, ou mais que um esboço dela. Mas todos somos animais inferiores falar e pensar são apenas novos instintos, menos seguros que os outros porque são novos. E a frase do escolástico, tão justa em sua beleza, alarga-se, e digo, Deus é a alma de tudo (PESSOA, 1999, p. 249).

## **Real e Fantasia em Eros e Psiquê**

[...] E assim vêdes, meu Irmão, que as verdades que vos foram dadas no Grau de Neófito, e aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade.

Do Ritual, do Grau de Mestre do Átrio.  
Na Ordem Templária de Portugal.  
Conta a Lenda que dormia  
Uma princesa encantada  
A quem só despertaria  
Um Infante, que viria  
De além do muro da estrada.  
Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que, já libertado,  
Deixasse o caminho errado.  
Por o que à Princesa vem.  
A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera.  
Sonha em morte a sua vida,  
E orna-lhe a fronte esquecida,  
Verde, uma grinalda de hera.  
Longe o Infante, esforçado,  
Sem saber que intuito tem,

Rompe o caminho fadado.  
 Èle dela é ignorado.  
 Ela para êle é ninguém.  
 Mas cada um cumpre o Destino  
 Ela dormindo encantada,  
 Êle buscando-a sem tino  
 Pelo processo divino  
 Que faz existir a estrada.  
 E, se bem que seja obscuro  
 Tudo pela estrada fora,  
 E falso, êle vem seguro,  
 E, vencendo estrada e muro,  
 Chega onde sem sono ela mora.  
 E, inda tonto do que houvera,  
 À cabeça, em maresia,  
 Ergue a mão, e encontra hera,  
 E vê que êle mesmo era  
 A Princesa que dormia.

O poema apresenta um andamento narrativo. O fio narrativo é a história da princesa que, encantada, dorme, e somente o príncipe no final descobre ser ela a princesa encantada.

Os dois protagonistas são polares. A personagem feminina está ligada ao sonho, ao onírico, ao mundo da magia e do encantamento. As referências ao mundo onírico, da mente adormecida recheiam o texto.

Através do falso e do obscuro, a Princesa se encontra com o Infante; é a união da fantasia com o real.

É muito reiterada a idéia de estrada, da caminho De além do muro e da estrada (estrofe 1) e por fim o Príncipe vencendo estrada e muro encontra a princesa e se dá conta de sua identificação com ela. Que caminho é esse? E que estrada é essa? É um processo, como diz o texto, identifica-se ao processo divino que a faz existir.

A grinalda verde de hera é o índice da identificação das duas personagens.

Os pólos opostos que ambos representam:

Princesa .....	Infante
sonho .....	vigília
fantasia .....	realidade
ilusão .....	verdade
espera .....	busca
contemplação .....	ação
repouso .....	luta
passividade .....	atividade
feminino .....	masculino

No final notamos que esses pólos opostos entram dialeticamente em síntese, na estrofe que finaliza o poema: a Princesa que dormia Fernando Pessoa coloca em seu poema o título, Eros e Psique, o que nos remete a lenda clássica narrada por Opuleio no livro Metamorfoses.

É a história de Psique, uma princesa que perdeu seu amado Eros, depois de muitas lutas e sofrimentos, recupera-o podendo unir-se a ele.

Fernando Pessoa ao mesmo tempo em que resgata o mito, o transgride e o interpreta a sua maneira. O poema enfoca uma passagem que será retomada nos contos de fadas: o despertar da princesa adormecida, pelo príncipe.

A epígrafe do poema é uma citação retirada do Ritual do Grau de Mestre do Átrio na Ordem Templária de Portugal, que fala de verdades que são opostas, a mesma verdade.

A identidade dos opostos é uma constante em Fernando Pessoa e temos um momento epifânico, Psique e Eros, fantasia e realidade ainda que opostas revelam a mesma verdade.

Os heterônimos têm sua realidade mimética, o que justifica as respectivas autenticidades. São, portanto, realidades estéticas concebidas pela mente, onde passam a transpirar possíveis verdades fingidas ou não. Cada verdade assim concebida tem a própria autonomia estética e vive o que dói sonhado ou imaginado espaço da metafísica das sensações, conducente ao neoplatonismo do poeta.

Quando quis tirar a máscara estava pregada à cara.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. *História da Filosofia*. V. X. Lisboa: Editorial Presença, 1978.

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. São Paulo: EDUSP: Itatiaia, 1976.

CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

JOSEF, Bella. *A Máscara e o Enigma*. São Paulo: Francisco Alves, 1986.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. Bernardo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Obras em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S. A., 1976.

\_\_\_\_\_. *Obras Poéticas*. V. único. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1969.

OS PENSADORES. Abril Cultural. V. XXXI.